

Escolhas musicais e ecletismo: reflexões acerca de diferentes repertórios e estéticas

Maria Cecília Araujo R. Torres

Introdução

73

Ao discutir o tema das escolhas musicais de um grupo de vinte mulheres, todas elas alunas de um Curso de Graduação em Pedagogia – Séries Iniciais – e também professoras ou futuras professoras do ensino fundamental, emergirão reflexões acerca de temáticas relacionadas com o ecletismo e os diferentes repertórios e estéticas musicais das participantes desta pesquisa. O tema central deste artigo é conhecer a diversidade de sons, timbres, ritmos, grupos e compositores que constituem as preferências e complementam as identidades musicais dessas mulheres. Estas sonoridades estão perpassadas por aspectos familiares, memórias, discursos midiáticos, influências de amigos e parentes e, dessa maneira, articulam-se com questões estéticas e musicais.

No que tange à temática da estética e das experiências estéticas, trago algumas idéias de Duarte Jr. (1988, p. 91) para embasarem estas linhas, pois, para o citado autor, "esta é a experiência estética: uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja". Duarte Jr. prossegue em suas reflexões destacando que "ela se dá com a percepção global de um universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação".

Ao longo do texto, farei também articulações entre abordagens de autores das áreas das Artes Visuais, da Educação Estética e da Educação Musical, os quais discutem questões de estética, identidades e percepções artísticas, destacando, entre eles, João Francisco Duarte Jr. (1988, 2002), Sílvia Citro (2000), Jacques Nirenberg (2002), Lawrence Grossberg (1992), Simon Frith (1996), Rudolf-Dieter Kraemer (2000) e

Nestor García Canclini (1998), bem como as narrativas de si das vinte entrevistadas sobre o gosto musical em diferentes fases da vida.

Apresento, a seguir, algumas idéias do educador musical Simon Frith, no que se refere à constituição das identidades musicais e às múltiplas escolhas de determinados estilos e músicas, envolvendo o gosto e as percepções estéticas de cada um, nas quais a importância das vivências musicais corporais ganha destaque. Para este autor,

[...] a música constrói nosso senso de identidade através de experiências diretas oferecidas ao corpo, em tempo e espaços sociais, experiências que possibilitam nos posicionarmos em narrativas culturais imaginativas (...) Isso é, talvez ironicamente, voltar à música através da metáfora espacial. Mas o que torna a música especial para a identidade é que ela define espaço sem limites (um jogo sem fronteiras). (Frith, 1996, p. 124-125).

Articulo, ainda, esta abordagem de Frith com os momentos de partilhar com as entrevistadas alguns aspectos relacionados com as histórias de vida e concepções musicais, através dos interesses e preferências, a partir de referências musicais, questões de seleção de repertório, estética e gosto musical. O autor, ao prosseguir sua discussão acerca de identidade e gosto musical, pontua que "o prazer musical nunca é somente uma questão de sentimentos, é também uma questão de julgamentos" (Frith, 1996, p. 115), aspecto este que acompanhou uma grande parte das narrativas das participantes desta pesquisa.

74

Estética: algumas visões e reflexões acerca da temática

Dou início a este tópico com um excerto de Galeffi (2006) a respeito da conceituação da palavra estética e as suas imbricações no processo da formação docente, por se tratar de uma pesquisa envolvendo professoras e futuras professoras do ensino fundamental e suas experiências musicais através das memórias, músicas e dos discursos musicais midiáticos.

De modo imediato, a palavra estética refere-se ao sensível, ao perceptível, ao sensual. Falar, então, de educação estética, ou melhor, de educação estética na formação docente, é o mesmo que falar em educação da *sensibilidade humana aprendente*. Nitidamente, isso não é qualquer coisa. Pelo contrário, é algo que toca o cerne da condição humana vivente e vivida. Portanto, algo da ordem dos acontecimentos implicados e não apenas daqueles hipotéticos e fantasiosos (Galeffi, 2006).

O citado autor discute em seu texto "um conceito que garanta a abertura necessária para a *educação da sensibilidade*, em consonância com a multiplicidade humana." Galeffi também pontua que somos seres estéticos diferentes, e, desta forma, a educação estética poderá "orientar-se pela multiplicidade da potência humana e não pela uniformidade de suas modulações."

Para Duarte Jr. (2002, p. 35), quando acontece a experiência estética – seja ela relacionada com um momento de exposição de artes visuais, com um evento musical ou um espetáculo de dança ou teatro –, "retornamos àquela percepção anterior à percepção condicionada pela discursividade da linguagem, retornamos a uma primitiva

e mágica visão do mundo". Duarte Jr. também traz o seguinte questionamento: "o que é e como ocorre a experiência estética?", discutindo os diferentes aspectos do mundo que são revelados tanto na experiência prática quanto na estética, destacando que

[...] o prazer estético reside na vivência da harmonia descoberta entre as formas dinâmicas dos sentimentos e as formas da arte (ou dos objetos estéticos). Na experiência estética os meus sentimentos descobrem-se nas formas que lhe são dadas, como eu me descubro no espelho. Através dos sentimentos identificamo-nos com o objeto estético, e com eles nos tornamos um (Duarte Jr, 1988, p. 93).

Na perspectiva do educador musical Rudolf Kraemer (2000, p. 52), em texto que discute as funções e dimensões do conhecimento pedagógico-musical, a estética da música ocupa-se da "observação estética segundo certas normas e critérios para a organização como objeto estético". Kraemer pontua ainda que esta estética engloba uma "reflexão sobre a percepção dos sentidos e conhecimento". Ele prossegue em suas reflexões a respeito deste conceito ressaltando que a estética se preocupa principalmente com a percepção de modos de conhecimento, assim como com as funções e os efeitos da arte, trazendo em suas conclusões idéias de que

[...] uma prática estética voltada para uma educação e formação socialmente ativa e através de modos de conhecimentos sensitivos e emocionais necessitam de uma apreciação qualificada, de uma teoria pedagógica responsável e estética fundamentada, uma vez que os processos próprios de apropriação e transmissão musicais de indivíduos em uma *situação histórico-sociocultural* são realizados no contexto de seu respectivo cotidiano músico-cultural, e necessitam de interpretação em relações de sentido para possibilitar orientações e oferecer perspectivas (Kraemer, 2000, p. 66 – grifos do autor).

Já nas reflexões de Citro (2000, p. 115) acerca das diversas estéticas desencadeadas pelos grupos e bandas, em suas apresentações de rock, observam-se questões como uma estética particular construída durante os recitais de determinadas bandas de rock na Argentina, "não somente no que se refere aos gêneros musicais, mas também em relação à totalidade das *performances* que estes recitais implicam". A autora vai descrevendo aspectos específicos dos recitais e destacando facetas desta estética em um "espaço ritual de características festivas", no qual o público passa a ser um co-artífice de cada evento musical. A autora aponta para este movimento que surgiu a partir dos anos 90 na Argentina e constitui um campo que se pode denominar de "rock nacional", com uma renovação na estética do rock no país, visto mais como transgressor, com novas temáticas nas letras das músicas, nas quais é marcante a crítica social.

Colada ainda à temática do rock e de seus grupos, incluindo questões de escolhas musicais e estéticas, em uma perspectiva culturalista, Grossberg (1992, p. 17) aponta e trabalha com a idéia de diversidade, que, muitas vezes, "somente é aceita de uma forma ritualística". Entende o autor que ela é muito mais aceita, "porque ela é a verdadeira prática dos Estudos Culturais". Argumenta que, em todo o momento, as práticas dos Estudos Culturais estão articuladas ao hibridismo, pois são "plenas de múltiplas influências", e que, desta maneira, cada uma delas é uma trajetória em andamento atravessando diferentes projetos teóricos e políticos, envolvendo múltiplas práticas e locais.

Gosto musical e ecletismo: diferentes repertórios?

A questão envolvendo quais eram as escolhas musicais das entrevistadas na fase da vida adulta – uma das perguntas que constituía o roteiro das entrevistas – foi um mote para que aflorasse uma multiplicidade de músicas para cantar, dançar, tocar e ouvir. Eu havia pedido que cada uma das participantes da pesquisa lembrasse dos grupos, das bandas, dos cantores/as que marcaram e marcam suas escolhas musicais, acompanhando-as em diferentes momentos da vida, como a infância, adolescência e vida adulta, como no exemplo do excerto de Gisele:

Não é muito difícil para mim perceber o quanto a música fez e faz parte da minha vida, marcando épocas, momentos, trazendo recordações. Falo isso, pois muitas vezes sei a idade que eu tinha quando algum fato ocorreu por lembrar das músicas que eu costumava ouvir tocando nas rádios e fazer relação com o ano da escola que eu estava cursando. Assim, lembro que a música *Repetition*, do grupo Information Society, tocava entre os anos de 1989 e 1990; que a música *Enjoy the silence*, do Depeche Mode, também fez sucesso nessa mesma época etc. (Gisele, 26 anos, A).

Partindo da questão acima, tento descrever as identidades musicais das entrevistadas nesse momento da vida adulta. Lendo e analisando algumas autobiografias, como no exemplo citado, pude perceber como as músicas pontuaram e pontuam os fatos da vida, ao marcarem os momentos, resgatarem memórias e cronologizarem determinadas lembranças, tanto quanto a seriação escolar.

76

Quanto aos repertórios musicais, entendidos nos limites deste texto como o conjunto de músicas selecionadas para ouvir, para cantar, incluindo os CDs que são comprados, os shows de bandas e grupos preferidos, os programas de TV e rádio que são consumidos, assim como as músicas que sonorizam os rituais e cultos religiosos, foram marcados por características como diversidade e ecletismo.

Gostaria de iniciar apresentando uma relação dos estilos e das músicas mais citados por elas como as suas preferidas para ouvir, cantar, dançar, e que tocam nos lugares onde freqüentam nos fins de semana, nos rituais religiosos e, também, acompanham-nas quando dirigem, caminham, praticam as aulas de biodança ou balê, ou relaxam em casa, como uma lista dos *hits* lembrados pelo grupo. Não tive a intenção de especificar nominalmente cada entrevistada e suas melodias prediletas, até pelo fato de que muitos grupos, estilos e intérpretes não foram escolhas solitárias de uma delas, mas, sim, foram citados e lembrados por várias alunas.

Certamente este grupo de mulheres apresentou – tanto durante as suas narrativas orais (entrevistas) quanto ao longo das narrativas escritas (autobiografias musicais) – lembranças musicais mescladas aos momentos e fatos sociais, históricos e políticos das fases adolescente e adulta. Desta maneira, como o foco principal deste trabalho foi a constituição das identidades musicais do grupo a partir das memórias musicais, na perspectiva cultural, estes outros aspectos não serão abordados e discutidos nos limites deste texto.

Ressalto, então, que a minha proposta foi trazer uma visão mais geral da diversidade que constitui o “mundo musical” dessas alunas no que se refere ao momento da fase adulta e na época em que este material foi recolhido e, posteriormente, organizado.

Fica ele, assim, composto por fitas K7, programas de rádio e TV, CDs, shows de música, em uma mescla de grupos e bandas nacionais e internacionais, contemporâneas

ou de décadas anteriores, em que compositores “clássicos”, como Bizet, Mozart ou Chopin, aparecem com suas obras diversificadas como óperas, sinfonias e sonatas, ao lado das músicas de Enya (representando a música da *New Age*) e grupos de rock de diferentes origens e formações, como nos exemplos do Guns'n Roses, Beatles ou Titãs. Os sons das duplas sertanejas e dos grupos de música gauchesca, o ritmo marcado do forró e do pagode, as letras de protesto ou não das músicas da MPB, os discursos musicais/sociais dos raps e as coreografias do axé music, entre outros, permearam as entrevistas e autobiografias e “saltaram” aos meus olhos, nas múltiplas leituras e miradas que realizei.

Apresento, a seguir, alguns dados organizados a partir das inúmeras leituras no material das entrevistas e autobiografias, em que estão algumas das escolhas e preferências musicais das alunas, em termos de estilos, grupos, bandas, intérpretes e compositores, e que correspondem à fase da vida adulta. Certamente temos nestas listagens diferentes exemplos de *performances* e padrões estético-musicais, possibilitando que se ressalte o aspecto do ecletismo, ou seja, cada uma delas ouve e gosta de diferentes músicas. Entre os estilos musicais citados como preferidos existe uma grande lista onde aparecem a ópera, o rock, o funk, a sertaneja, a música eletrônica, a trilha sonora de filme, o romântico, a *surf music*, o forró, o axé, o pagode, o rap, o samba e o *reggae*, entre outras, convivendo lado a lado no *ranking* do gosto musical deste grupo.

Compositores/Cantores/ Instrumentistas	Grupos internacionais	Grupos nacionais
Bizet	Guns'n Roses	Legião Urbana
Tom Jobim	Madredeus	Exaltasamba
Fito Paez	The Doors	Paralamas do Sucesso
Kenny G	U2	Titãs
Enya	The Strokes	Engenheiros do Hawái
Marisa Monte	The Pretenders	Capital Inicial
Djavan	Men at Work	Nenhum de Nós
Celine Dion	Aerosmith	Tequila Baby
Bon Jovi	Bee Gees	Charlie Brown Jr.
Rita Lee	Beatles	Los Hermanos
Roberto Carlos		Skank
Daniel		Cidade Negra
Chitãozinho e Xororó		Raimundos
Caetano Veloso		Acústicos e Valvulados
Chico Buarque		Comunidade Nin Jitsu
Alanis Morissette		Barão Vermelho
Vinícius de Moraes		Jota Quest
Renato Russo		Banda Eva
Cazuza		Tchê Barbaridade
Gabriel o Pensador		
Simoninha		
Gilberto Gil		
Luis Marengo		
Mozart		
Chopin		

O mesmo aspecto múltiplo e diversificado aparece nas escolhas dos cantores, compositores e grupos musicais, em uma mistura de estilos, épocas e ritmos. A seguir um quadro exemplificando o ecletismo nas escolhas.

Ao ler e reler as narrativas musicais, busquei penetrar nesse "universo musical" das alunas, com suas especificidades, seus mistérios, suas histórias pessoais acompanhadas das trilhas sonoras, suas preferências em termos de letras, suas características de mulheres adultas, envolvendo um repertório que ia do romantismo, passava pela MPB e chegava ao sertanejo, mesclando-se com diferentes percepções e concepções estéticas. Através das lembranças, por exemplo, de Carolina em sua autobiografia, surgem diferentes músicas que acompanham as cenas e os momentos vividos pela entrevistada. Foi um exercício não só de narrar as suas memórias, mas também de dar visibilidade a um discurso que elas produzem sobre a música em suas vidas, ou seja, o que elas dizem e contam a respeito das diferentes trilhas sonoras em suas vidas. Emergiu esta idéia de "trilhas sonoras" como metáforas tiradas do cinema para a vida, e, de certa maneira, já conforma o próprio discurso da entrevistada a respeito das suas músicas preferidas.

Tenho a certeza de que cada momento de minha vida tem uma trilha sonora. Se pudesse escutar todas as músicas das quais me lembro, certamente momentos vividos ficariam ainda mais vivos em minha mente. É impressionante como a música ativa a memória de tal forma, que ao fazer tal relato, foi-me possível reviver cada momento destes que falei. Parece que se volta ao passado, revendo até os episódios. Tristeza, alegria, paixão, harmonia, saudade, paz... são sentimentos que a música nos traz (40 anos, A).

78

Transcrevo alguns excertos que relacionam as preferências musicais do grupo de entrevistas ligadas ao movimento da MPB, em que as letras de várias músicas são ressaltadas como textos literários ou poemas e, também, como estas melodias representam um estilo ligado ao "bom gosto" e a uma determinada cultura. Junto com estas escolhas musicais estão os grupos que se formam pelo prazer de compartilhar as escolhas e os gostos musicais.

Quanto à questão das letras das músicas da MBP, Fontes realizou pesquisa sobre a temática do masculino e do feminino nas letras de Chico Buarque, na visão de texto literário, argumentando que, sem ter a intenção de "estabelecer comparações entre a MPB e a literatura em geral, no que tange a juízo de valor, pode-se constatar que a letra da música, considerada como obra literária, vale-se de suas associações com a melodia para transitar com grande eficácia entre o público". O autor completa esta idéia destacando que este trânsito entre o público acontece em função do teor popular, que, para ele, "lhe assegura a espontânea aceitação em relação aos temas do cotidiano do homem e de suas aspirações existenciais" (Fontes, 1999, p. 3).

Os excertos das entrevistas de Joana e Isabela enfatizam o gosto pelas músicas e pelos intérpretes da MPB, quando elas elegem este estilo para ouvir em casa.

– Eu gosto muito de MPB, então a maioria das músicas que tenho e que eu gosto de ouvir na minha casa, que eu tenho em casa, são de MPB... Né, então é Djavan, é Gilberto Gil, Caetano Veloso, são as coisas que eu gosto e que eu tenho na minha casa. Eu ouço todos os tipos de música, até gosto de todos os tipos de música, mas na minha casa eu gosto de é mais ou menos isso (Isabela, 25 anos, E).

– Eu gosto de Música Popular Brasileira, gosto de Djavan... Hoje eu já prefiro assim, uma música mais calma; gosto de Dance e tudo, mas pra sentar e escutar, ou no dia-a-dia eu prefiro música brasileira, assim mais calma... Música clássica também, mas música clássica eu escuto quando eu tô triste, assim... (Joana, 24 anos, E).

Surgem, também, as músicas, os ritmos e as bandas das quais elas não gostam, com as críticas e as explicações referentes às mudanças de gosto musical, várias delas por influência de amigos, familiares, namorados e maridos. Em algumas entrevistas, delineiam-se aspectos constitutivos das identidades musicais de algumas colegas, influenciando também nas escolhas musicais do grupo.

– Músicas prediletas?... Eu gosto muito de Legião Urbana, né?... Paralamas do Sucesso; minha música predileta é aquela *Meu erro*: "Eu quis dizer você não..." (cantando) Ah, deixa eu ver! Ah, são tantas. (Capitu, 23 anos, E).

– E agora, ultimamente, eu escuto bastante música gaúcha. Não deixo de ouvir outros estilos. Acho que meu gosto é bem variado, mas há pouco tempo eu comecei a ir a bailes gaúchos. Sempre tive vontade de aprender, sempre gostei assim da música gaúcha (Viviane, 28 anos, E).

A partir das narrativas de si do grupo tentei compor um mosaico de lembranças pessoais, sentimentos, momentos e pessoas que se misturam aos sons e às melodias, em um movimento de deixar vislumbrar facetas das identidades musicais destas mulheres, como pontuam Buckingham e Sefton-Green (1998, p. ix), em relação ao consumo de músicas. Os autores enfatizam que "consumir música é frequentemente vista como uma experiência pessoal especial", pois o ato de selecionar e ouvir música pode ser uma parte importante na maneira como nos definimos, nossos sentimentos, identidades e histórias. Articulo a citação dos autores com as idéias expressas nos excertos de Roberta e Viviane, que, ao trazerem as músicas escolhidas – lentas ou agitadas –, tanto para cantar como para dançar, ressaltam suas experiências pessoais que envolvem o corpo.

– Agora, eu gosto de escutar... eu gosto de músicas agitadas pra dançar, assim que tenha peso forte, né? Gosto de pagode lentinho, assim pra dançar; não gosto de música muito agitada; eu gosto mais que tenha um balanço, uma coisa assim, um ritmo, né? Não gosto muito de rock, mas eu gostava de escutar Cazuzza; eu gosto de Cidade Negra... (Roberta, 28 anos, E).

– Pra cantar, eu gosto de tudo, assim. Pra cantar, gosto de música popular, gosto muito dos filhos dos artistas; o filho da Elis, o filho do Simonal, o Simoninha... são bem legais, assim pra cantar. Gosto ainda de Nenhum de nós (risos) E pra dançar tem que ser música que não dê pra cantar, pra dançar pode ser uma música que não precise ser cantada, por exemplo, eu gosto de sair na noite e dançar música eletrônica que geralmente é um "repeteco" (Ana, 22 anos, E).

Ao proceder à análise das narrativas escritas e orais, percebi alguns aspectos que emergiram nas autobiografias e não nas entrevistas, como as reflexões feitas pelas alunas sobre a música em suas vidas – como nos exemplos de Viviane e Gisele –, o que poderia atribuir ao fato de elas terem tido mais tempo para escrever as autobiografias, sem terem um roteiro pré-determinado. Destaco, também, o fato de as autobiografias todas terem sido organizadas em casa – ao contrário das entrevistas, que foram realizadas no espaço da própria Faculdade onde estudavam e, também,

pelo fato de que, após a entrevista (e por ela motivadas), muitas das alunas lembravam de certos detalhes de músicas, de fatos e momentos que puderam acrescentar ao escreverem suas autobiografias.

Ressalto ainda os aspectos relacionados com o ecletismo nas escolhas musicais, não só durante a fase adulta, mas também quando da lembrança das suas "melodias prediletas da adolescência" e também da infância. Estas preferências estavam ligadas às influências dos grupos de amigos, da família, dos grupos religiosos, dos maridos, filhos e companheiros, assim como dos discursos musicais veiculados pela mídia. Uma infinidade de sonoridades, melodias, letras e ritmos entrelaçados aos aspectos estéticos. As músicas escolhidas em cada fase da vida eram aquelas de que as entrevistadas gostavam, por vários e diferentes motivos, compondo o seu repertório: ora era uma canção infantil, ora um rock ou um samba, mesclados com as músicas gauchescas, as músicas dos cultos religiosos, as sertanejas, os pagodes, os sucessos da MPB, as canções italianas das festas familiares e tantas outras mais. Em relação ao gosto e aspectos de estética musical, destaquei também reflexões e estratégias de autojustificativa por parte de algumas das entrevistadas, principalmente nas autobiografias escritas, pois elas sabem que determinados aspectos nas suas narrativas podem ser mal vistos pelas próprias colegas de Curso, como o fato de declarar que gostam de certos estilos musicais ou cantores.

80

Neste sentido, o trecho da fala de Roberta exemplifica esta estratégia, quando ela traz a questão de seu gosto ser um paradoxo. Considerarei também importante trazer aspectos que envolvem o ouvir e apreciar músicas relacionados com o prazer, o efêmero e também o duradouro, assim como concepções musicais relativas ao campo de constituição das histórias pessoais dessas alunas. Joana, de 24 anos, em sua autobiografia, argumenta:

Interessante notar a variedade de estilos que os jovens, de um modo geral, de hoje têm quanto à música. Diversas tendências podem viver "harmoniosamente" sem que para isso um estilo deixe de existir. A música pode ser de época, mas o estilo permanece de forma muito presente. Também o que seria de nós se não existisse a música? A música para apreciar, para escutar, pra dançar ou simplesmente para cantar ou quem sabe tudo junto!

Fico feliz em fazer esta reflexão que é minha. Faz parte da minha história, da minha constituição musical, pessoal, única, no decorrer desses anos.

Em um trecho da narrativa de uma entrevistada, ressalto aspectos relacionados com o gosto musical e com a separação entre "alta cultura" e "baixa cultura", que, na perspectiva de Adorno (1980), distinguia os ouvintes em dois tipos: aqueles obsessivos e alienados e aqueles facilmente manipulados na coletividade, separando-os pelas escolhas e pelos estilos musicais. Nas falas de Ana e Aline, podem-se identificar discursos que, de certa maneira, justificam o gosto como eclético e mais variado. Contudo, Ana entende que essas escolhas musicais devam ser explicitadas e compartilhadas de acordo com o grupo no qual está inserida naquele momento. Ou seja: temos diferentes escolhas musicais articuladas a concepções estéticas e também tomamos diferentes discursos para falar sobre estas escolhas musicais.

– E eu sou muito eclética. Eu gosto de ouvir música sertaneja, gosto de ouvir pagode, gosto de ouvir MPB, gosto de ouvir música clássica. Não sou tão influenciada pelo grupo onde eu tô. Mas, certamente, eu vou dizer os meus gostos dependendo do grupo onde eu tô. Claro, eu não vou chegar pras minhas crianças e vou dizer: "Olha, a professora ouve Beethoven e adora o Bolero de Ravel". Aí eles vão conhecer e vão me achar muito chata e muito nariz empinado para isso. E assim, eu também não vou chegar na faculdade, vou chegar em grupos de amigos meus e dizer: "Olha, eu adoro Zezé di Camargo e Luciano, acho muito engraçado, acho muito legal", porque eles vão rir da minha cara. Assim, pra alguns eu digo e continuam rindo mesmo (Ana, 22 anos, E).

– Hoje, tenho gostos mais variados. Citarei alguns cantores e gêneros musicais que gosto: Viny, Cidade Negra, Los Hermanos, Skank, Raimundos, Sandy e Junior, Leandro e Leonardo, Exaltasamba, (e todos os grupos de pagode e axé), Claudinho e Buchecha, Comunidade, Kelly Key, Gil (ex Banda Beijo), e alguns tipos de *reggae*, românticas, infantis, e dance (Aline, 21 anos, A).

Encerro este tópico chamando a atenção para a pluralidade de estilos musicais que esteve presente na seleção deste grupo de mulheres, demonstrando um ecletismo que perpassa as escolhas musicais pessoais, como nos exemplos de Ana e Aline, entre outras, como um dos aspectos constitutivos das identidades musicais que emergem através das narrativas das entrevistadas.

Algumas considerações finais

Meus avós vieram nos visitar. Meu avô enriqueceu os acordes com sua voz de baixo, e minha avó canta a melodia. Eles estão cantando *Agora é a hora*, uma canção tradicional dos maori, que soa bem e me faz querer cantar junto. Minha voz de criança encontra um lugar na harmonia e eu logo ingresso no coral da família. Nenhum de nós passou por algum tipo de educação musical formal, mas nós somos uma família de músicos. Daqui a alguns anos, meu irmão mais novo acrescentará sua voz ao coro, e, logo mais, a próxima geração fará parte desta tradição de cantar "em família" (Russel, 2006, p. 8).

81

Abro minhas reflexões finais a partir deste excerto das memórias de Joan Russel, educadora musical canadense, em artigo no qual a autora discute sobre as experiências e interpretações musicais de diversos grupos em suas culturas. Assim como Russel, também sou educadora e educadora musical e, certamente, guardei e guardo na memória lembranças de muitas sonoridades da minha família, da infância, adolescência e fase adulta que atravessaram e atravessam a minha trajetória, fazendo parte da constituição da minha identidade musical.

Quero pontuar que, ao longo da escrita desta pesquisa, eu também ouvi e fui "embalada" de forma prazerosa por diferentes músicas, como *Imagine* e *Here comes the sun*, entrelaçados ao som de Enya, Buena Vista Social Club e CDs de Cássia Eller. Em determinados momentos era o *Adágio* de Albinoni ou um *Allegro* de Vivaldi, em uma mistura de estilos, grupos, épocas, estéticas e compositores. Este foi um repertório selecionado por mim, para estar sempre próximo do computador. Desta maneira, estes CDs me acompanharam nas diversas etapas deste trabalho, e, assim, essas sonoridades foram me acalentando ou delineando aspectos da minha identidade musical nesta fase de escrita final.

Ao longo deste texto busquei destacar algumas concepções de estética e mesclar com algumas das escolhas musicais desse grupo de vinte professoras entrevistadas que

fizeram parte da minha pesquisa. Tive a intenção de entrelaçar a diversidade de preferências e sonoridades que constituem as identidades musicais de cada uma destas mulheres, relacionando estas sonoridades com as diferentes fases da vida e também com os contextos e espaços culturais em que viveram e vivem. Pontuo, mais uma vez, que, ao longo das narrativas orais e escritas, emergiram questões de cunho político, social e econômico, entrelaçadas aos sons, ritmos e estilos musicais, mas busquei manter o foco do trabalho nos aspectos culturais e nas interlocuções com os discursos musicais veiculados pela mídia, não destacando outras questões nos limites deste artigo.

Ressalto, ainda, que este foi um exercício de escutas diferenciadas, no qual estavam vozes infantis, masculinas e femininas, de onde emergiam reflexões a respeito de concepções, conceitos e pré-conceitos do que é música, gosto musical, conceitos de estética e qual é o repertório – ou quais são os repertórios – que seleciono para compor os diferentes momentos e acontecimentos na vida.

Finalizo estas reflexões destacando que as entrevistadas narraram suas preferências, cantarolaram parte de músicas, lembraram e trouxeram suas lembranças impregnadas de experiências emocionais e culturais, em que as músicas populares, dos mais diversos estilos e compositores/as, nacionais ou internacionais, ocuparam as lembranças musicais. A partir destes dados, organizei os quadros de preferências e, a seguir, selecionei as faixas do CD que foi gravado com algumas das músicas preferidas das entrevistadas. As escolhas de músicas e compositores/as denominados de “clássicos ou eruditos” emergiram nas narrativas e memórias deste grupo muito timidamente, quase que em surdina, em relação ao contingente fortíssimo representado sonoramente por bandas, conjuntos, duplas, compositores e cantoras/es de vários outros estilos musicais em um movimento associado aos grupos familiares, de amigos, religiosos.

Certamente, foi uma oportunidade de poder conhecer e ouvir diferentes músicas, sonoridades, ritmos e suas estéticas, compondo um mosaico de repertórios e escolhas, e que, desta forma, possibilitou um espaço para o ecletismo.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. *O Fetichismo na música e a regressão da audição*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

BUCKINGHAM, David; SEFTON-GREEN, Julian. Preface. In: HOWARD, Sue. *Wired-up: young people and the Eletronic Media*. London: UCL Press, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: EdUSP, 1998.

CITRO, Silvia. Estéticas del Rock em Buenos Aires: carnavalización, fútbol y antimenemismo. In: LUCAS, Maria Elizabeth; BASTOS, Rafael José Menezes (Org.). *Pesquisas recentes em estudos musicais no Mercosul*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. (Série Estudos 4). p.115-139.

DUARTE JR, João Francisco. Educação estética, ou a educação (do) sensível. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO, 16. *Anais*. Fundarte: Montenegro, 2002. p.35-39.

DUARTE JR, João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas: Papirus, 1988.

FONTES, Maria Helena Sansão. *Sem fantasia: masculino-feminino em Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

FRITH, Simon. Music and Identity. In: HALL, Stuart; GAY, Paul du. *Questions of Cultural Studies*. London: Sage, 1996. p.108-117.

GALEFFI, Dante Augusto. *Estética e formação docente: uma compreensão aplicada*. Disponível em: <<http://www.faced.ufba.br/>>. Acesso em: 26 jul. 2006.

GROSSBERG, Lawrence. *We gott get out of this place*. London: Routledge, 1992.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. *Em Pauta*, Revista do programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, v. 11, n. 16/17, p. 50-75, 2000.

NIRENBERG, Nelson. Considerações estéticas sobre a regência no Romantismo. *Revista Academia Nacional de Música*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 191-204, 2002.

RUSSEL, Joan. Perspectivas socioculturais na pesquisa em educação musical: experiência, interpretação e prática. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n. 14, p. 7-16, mar. 2006.

TORRES, Maria Cecilia de A. R. *Identidades musicais de alunas da pedagogia: músicas, memória e mídia*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Maria Cecilia Araujo R. Torres

83

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora titular dos cursos de graduação em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro/Licenciatura, da Fundarte/Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Pesquisadora do grupo "Educação Musical e Cotidiano", do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e membro do Núcleo de Integração Universidade & Escola/Pró-Reitoria de Extensão (Niue/Prorex) da UFRGS. Editora da *Revista da Abem* (Associação Brasileira de Educação Musical). Livro: *Máscaras e melodias – Duas visões em arte e educação* (em parceria com Graciela Ormezzano). São Miguel do Oeste: Unoesc, 2002 (1. ed.) e 2004 (2. ed.), v. 1, 186 p.

cecilia@fundarte.rs.gov.br